



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

ANDREIA LIMA SANTOS

JHIOVANNA SAMILLE NASCIMENTO FERNANDES

**A LUDICIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO NA ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS DO 1º ANO: CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS LÚDICOS PARA UMA
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Eunápolis

2026



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

ANDREIA LIMA SANTOS
JHIOVANNA SAMILLE NASCIMENTO FERNANDES

A LUDICIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DO 1º ANO: CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS LÚDICOS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia da Faculdade do
Espírito Santo.
Orientador(a): Ian Freitas

Eunápolis Bahia
2026



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

RESUMO

O presente trabalho aborda a importância da ludicidade no processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando sua contribuição para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da aprendizagem significativa. A pesquisa teve como problema central compreender de que forma as atividades lúdicas podem favorecer o processo de alfabetização das crianças. O objetivo geral consistiu em analisar as contribuições da ludicidade para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, bem como identificar os desafios encontrados na utilização dessa metodologia no ambiente escolar. Para a realização do estudo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, baseada em obras e estudos de autores que discutem a alfabetização, o letramento e a ludicidade no contexto educacional. Os resultados evidenciaram que jogos, brincadeiras, músicas e contação de histórias constituem importantes estratégias pedagógicas, capazes de estimular o interesse, a participação e a autonomia dos alunos durante o processo de aprendizagem. Conclui-se que a ludicidade favorece uma alfabetização mais significativa, dinâmica e inclusiva, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança e para a construção de práticas pedagógicas mais eficazes.

Palavras-chave: Alfabetização. Ludicidade. Aprendizagem. Ensino Fundamental. Desenvolvimento Infantil.

PLAYFULNESS AS A TEACHING STRATEGY IN FIRST-GRADE LITERACY

Contributions of Playful Games to Meaningful Learning

ABSTRACT

This study aimed to analyze the importance of playfulness in the literacy process, understanding its contributions to the development of reading, writing, and learning among children in the early years of Elementary Education. Through a bibliographic research approach, the study examined theoretical contributions from authors such as Soares, Ferreiro and Teberosky, Piaget, Vygotsky, and Kishimoto regarding literacy and the use of playful activities in educational contexts. The results indicate that games, play activities, songs, storytelling, and other playful strategies contribute significantly to children's cognitive, social, and emotional development, making the literacy process more meaningful and engaging. The research also identified challenges related to the implementation of playful methodologies in schools, including limited resources, inadequate infrastructure, and the need for teacher training. It is concluded that playfulness is an essential pedagogical tool for promoting a more meaningful, inclusive, and humanized literacy process.

Keywords: Playfulness. Literacy. Learning. Child Development. Education.

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização constitui uma das etapas mais importantes da Educação Básica, pois é por meio dela que a criança inicia, de forma sistematizada, a apropriação da leitura e da escrita. Esse processo possibilita o desenvolvimento de habilidades fundamentais para sua formação acadêmica, social e cidadã, uma vez que amplia suas possibilidades de comunicação, compreensão do mundo e participação nas diferentes práticas sociais que envolvem a linguagem escrita. Dessa forma, alfabetizar vai além do ensino das letras e das palavras, envolvendo a construção de conhecimentos que acompanharão o estudante ao longo de toda a sua vida.

Entretanto, o processo de alfabetização ainda representa um dos grandes desafios da educação brasileira. As salas de aula são compostas por crianças com diferentes ritmos de aprendizagem, experiências, conhecimentos prévios e realidades sociais, exigindo do professor práticas pedagógicas que respeitem essas diferenças e favoreçam uma aprendizagem significativa. Nesse contexto, torna-se cada vez mais necessário utilizar estratégias capazes de despertar o interesse dos estudantes e aproximá-los do universo da leitura e da escrita de forma prazerosa e participativa.

Entre essas estratégias, destaca-se a ludicidade, entendida como um importante recurso pedagógico para o desenvolvimento infantil. Jogos, brincadeiras, músicas, parlendas, contação de histórias e outras atividades lúdicas fazem parte do universo da criança e podem contribuir significativamente para o processo de alfabetização quando utilizados de forma planejada e intencional. Além de favorecerem a aprendizagem da leitura e da escrita, essas atividades estimulam a criatividade, a interação, a autonomia e o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos estudantes.

Diante dessa realidade, surge o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a ludicidade pode contribuir para o processo de alfabetização de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental? A investigação dessa temática mostra-se relevante por possibilitar reflexões acerca da utilização de estratégias pedagógicas que tornem o ensino mais significativo e adequado às características da infância, contribuindo para o fortalecimento das práticas educativas desenvolvidas nos anos iniciais da escolarização.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar a importância da ludicidade como estratégia pedagógica no processo de alfabetização de crianças do 1º ano do Ensino

Fundamental. Para alcançar esse propósito, buscou-se compreender os conceitos de alfabetização, letramento e ludicidade, discutir a alfabetização e o letramento no contexto do 1º ano do Ensino Fundamental e analisar as contribuições das estratégias lúdicas para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida por meio da análise de livros, artigos científicos, documentos oficiais e demais produções acadêmicas relacionadas à temática. Para fundamentar as discussões apresentadas, foram utilizadas as contribuições de autores como Magda Soares, Emilia Ferreiro, Ana Teberosky, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Angela Kleiman e Tizuko Morchida Kishimoto, além da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que orienta as práticas pedagógicas da Educação Básica.

Por fim, este trabalho está organizado em capítulos que abordam os principais aspectos relacionados à temática proposta. Inicialmente, apresenta-se a fundamentação teórica sobre alfabetização, letramento e ludicidade, seguida da discussão acerca da alfabetização no contexto do 1º ano do Ensino Fundamental e do uso das estratégias lúdicas nesse processo. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa e, por fim, as considerações finais, nas quais são retomadas as principais reflexões desenvolvidas ao longo do estudo.

DESENVOLVIMENTO

2.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

2.1.1 Conceito de alfabetização

A alfabetização é compreendida como o processo pelo qual a criança se apropria do sistema de escrita alfabética, desenvolvendo conhecimentos e habilidades que lhe permitam ler e escrever. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a alfabetização constitui o foco da ação pedagógica nos Anos iniciais do Ensino Fundamental, configurando-se como a porta de entrada da criança no universo da cultura escrita e da comunicação ampliada. Ao ingressar nesse processo, o estudante é desafiado a desenvolver habilidades linguísticas e cognitivas fundamentais que não apenas estruturarão sua vida acadêmica subsequente, mas também contribuirão para sua inserção e atuação na sociedade.

Magda Soares, uma das principais referências da educação brasileira no campo da alfabetização, compreende esse processo como a apropriação do sistema de escrita alfabética. Para a autora, alfabetizar não se restringe à simples decodificação de letras e palavras, mas envolve a compreensão do funcionamento da língua escrita. Nessa perspectiva, a alfabetização consiste na aquisição do sistema de representação alfabética, possibilitando ao indivíduo desenvolver as habilidades de leitura e escrita de forma significativa (SOARES, 2004).

Ao aprofundar a compreensão sobre a alfabetização, Magda Soares em seu livro: *Alfabetização A questão dos métodos* (2016), destaca que o processo de ensino e aprendizagem da língua escrita não se limita ao domínio do código alfabético. Para a autora, a alfabetização envolve a integração de três facetas indissociáveis: a linguística, a interativa e a sociocultural, que, quando desenvolvidas de forma articulada, favorecem uma aprendizagem mais significativa.

Faceta linguística

A faceta linguística está relacionada à aprendizagem do sistema de escrita alfabética, envolvendo o reconhecimento das letras, a relação entre fonemas e grafemas, a formação de sílabas e palavras, além das convenções ortográficas. É por meio dela que a criança desenvolve as habilidades necessárias para ler e escrever.

Faceta interativa

A alfabetização também envolve a capacidade de utilizar a leitura e a escrita para se comunicar. Assim, a criança aprende a compreender textos, produzir mensagens, interpretar diferentes gêneros textuais e interagir com outras pessoas por meio da linguagem escrita.

Faceta sociocultural

A escrita possui uma função social. A criança não aprende apenas a juntar letras, mas compreende que a leitura e a escrita estão presentes em situações reais do cotidiano, como placas, bilhetes, histórias, listas de compras, convites, receitas e outros textos que circulam na sociedade.

A integração dessas três facetas demonstra que a alfabetização é um processo amplo e complexo, que envolve não apenas o domínio do sistema de escrita, mas também a capacidade de utilizar a leitura e a escrita em diferentes situações comunicativas e sociais. Dessa forma, alfabetizar significa promover aprendizagens que permitam à criança compreender, interpretar e participar ativamente da cultura escrita.

Historicamente, a alfabetização foi compreendida por décadas como um processo puramente mecânico de memorização, pautado na decodificação isolada de grafemas em fonemas e na cópia exaustiva de sílabas desconectadas de sentido. No entanto, a evolução das pesquisas no campo da educação e da psicolinguística demonstrou que a apropriação da linguagem escrita vai muito além do treino motor e da memorização visual; trata-se de uma construção cultural e social complexa, que mobiliza simultaneamente as dimensões cognitiva, afetiva, social e cultural do sujeito aprendente.

Nesse contexto de transformação das concepções sobre a alfabetização, destacam-se as contribuições de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, que revolucionaram os estudos sobre a aprendizagem da língua escrita ao demonstrarem que a criança participa ativamente da construção desse conhecimento.

As pesquisas desenvolvidas por Ferreiro e Teberosky, apresentadas na obra *Psicogênese da Língua Escrita*, romperam com a concepção de que a criança aprende a ler e a escrever apenas por meio da repetição e da memorização. As autoras demonstraram que, antes mesmo de ingressar na escola, imersa em uma sociedade marcada pela presença constante da escrita, a criança interage com cartazes, embalagens, livros e mídias digitais, elaborando hipóteses próprias sobre o funcionamento da escrita. Ao longo desse percurso investigativo autônomo, o sujeito transita por níveis evolutivos de conceitualização:

- **Nível Pré-Silábico:** Onde a criança ainda não percebe a vinculação entre a escrita e os sons da fala, utilizando desenhos ou rabiscos para representar ideias, ou acreditando que palavras grandes exigem muitas letras;

- **Nível Silábico:** No qual ela opera a descoberta de que a escrita se relaciona com a sonoridade, atribuindo uma letra para cada sílaba falada (com ou sem valor sonoro convencional);

- **Nível Silábico-Alfabético:** Uma fase de transição e conflito cognitivo, na qual ela ora escreve uma letra por sílaba, ora percebe a necessidade de grafar mais letras para compor a estrutura da sílaba;

- **Nível Alfabético:** Momento em que compreende a lógica do sistema, entendendo que cada caractere representa um fonema, embora ainda cometa desvios estritamente ortográficos.

A identificação desses níveis de conceitualização permite ao professor compreender que os chamados "erros" apresentados pelas crianças durante o processo de alfabetização não representam falta de aprendizagem, mas evidenciam hipóteses que estão sendo construídas sobre a língua escrita. Sob essa perspectiva, o erro passa a assumir um importante papel pedagógico, pois oferece ao docente subsídios para planejar intervenções que favoreçam o avanço da criança para níveis mais elaborados de compreensão do sistema de escrita.

Ao evidenciar essa trajetória, a teoria psicogenética rompe com o modelo tradicional de ensino baseado na repetição e na punição do erro. O erro pedagógico passa a ser ressignificado como um "erro construtivo", um indicador precioso das hipóteses que o estudante está testando em seu cérebro. Cabe ao professor, portanto, respeitar o tempo singular de maturação de cada criança, atuando não como um corretor punitivo, mas como um problematizador, um mediador que oferece desestabilizações cognitivas para fazer o aluno avançar de um nível para o outro e assim sucessivamente.

Assim, as contribuições de Ferreiro e Teberosky possibilitaram uma nova compreensão sobre o processo de alfabetização, deslocando o foco do ensino mecânico para a construção ativa do conhecimento pela criança.

Diante dessas contribuições teóricas, compreende-se que a alfabetização é um processo complexo, que envolve muito mais do que a aprendizagem do código escrito. Trata-se de uma construção progressiva, na qual a criança participa ativamente da elaboração de conhecimentos sobre a escrita, cabendo ao professor criar condições pedagógicas que favoreçam esse desenvolvimento, respeitando seus conhecimentos prévios, suas hipóteses e seu ritmo de aprendizagem.

2.1.2 Conceito de letramento

Embora alfabetização e letramento estejam diretamente relacionados, esses conceitos não são sinônimos. Enquanto a alfabetização corresponde ao processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, o letramento refere-se à participação do indivíduo nas práticas sociais de leitura e escrita. Nessa concepção, ser letrado significa utilizar a leitura e a escrita em diferentes situações do cotidiano, atribuindo significado às diversas formas de linguagem presentes na sociedade.

Nessa perspectiva de reconceitualizar, segundo Soares (2003), "alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis". Dessa forma, o processo de alfabetização deve ocorrer articulado às práticas sociais de leitura e escrita, permitindo que a criança compreenda a função social da linguagem. Para a autora, enquanto a alfabetização se define estritamente como a aquisição da tecnologia da escrita, isto é, o aprendizado do sistema alfabético e das regras ortográficas que permitem ler e escrever, o letramento refere-se ao estado ou condição de quem se apodera dessa tecnologia e passa a exercer de forma efetiva as práticas sociais de leitura e de escrita na comunidade.

Portanto, não basta que a criança aprenda a ler e a escrever palavras isoladas em uma cartilha; é imperativo que ela desenvolva a capacidade de compreender, interpretar, criticar e produzir textos reais que circulem em seu cotidiano. Sob essa ótica, o papel da instituição escolar deixa de ser o de uma mera transmissora de códigos abstratos e passa a ser o de uma agência propulsora de experiências discursivas significativas, que acolhe a realidade viva do aluno e expande seu repertório linguístico.

O letramento se manifesta nas mais diversas situações do cotidiano, nas quais a leitura e a escrita assumem funções sociais específicas. Desde muito cedo, a criança estabelece contato com diferentes gêneros textuais mesmo sem saber, como histórias lidas antes de dormir, bilhetes trocados entre os colegas, convites de aniversário, listas de presentes para o Papai Noel, receitas preparadas com a vovó, placas presentes nos espaços urbanos, e embalagens de produtos consumidos no cotidiano. Todas essas experiências possibilitam que a criança compreenda que a linguagem escrita possui diferentes finalidades, mas que está presente em todos os tipos de contextos sociais. Assim, o letramento contribui para que a aprendizagem da leitura e da escrita seja significativa, contextualizada e relacionada às vivências de cada estudante.

Nesse mesmo sentido, temos a percepção da professora e linguista Angela Del Carmen Kleiman, que compreende o letramento como um conjunto de práticas sociais guiadas pela

leitura e escrita. Para a autora, a leitura precisa permitir que o leitor aprenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão dos mesmos. Ler é participar de situações reais em que a linguagem escrita é utilizada para comunicar, informar, interpretar e interagir. Dessa forma, o letramento ultrapassa os limites da escola, estando presente em todo contexto da vida da criança, nas diferentes relações sociais vivenciadas pelos indivíduos.

Portanto, entende-se que o letramento é a parte essencial do processo educativo para que a alfabetização aconteça de forma significativa. Quando a criança participa de situações reais de leitura e escrita, ela passa a perceber que a linguagem escrita possui objetivos concretos e está presente em vários e diferentes momentos da vida. É essa vivência que de fato irá despertar o interesse pela aprendizagem, ampliar o vocabulário, favorecer a compreensão textual e contribuir para o desenvolvimento da autonomia e pensamento crítico da criança. Assim, o letramento não é só um “complemento” da alfabetização, mas sim o que fortalece o processo, quando atribui significado ao que a criança aprende em sala de aula.

Dessa maneira, percebe-se que quanto mais a escola promove experiências significativas de leitura e escrita, maiores são as possibilidades para a criança desenvolver competências relacionadas tanto à alfabetização quanto ao letramento, compreendendo a linguagem como um instrumento de comunicação, interação e participação social.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a alfabetização deve ocorrer articulada às práticas de letramento, possibilitando que os estudantes utilizem a leitura e a escrita em diferentes contextos sociais. Nessa perspectiva, o documento reconhece que alfabetização e letramento são processos indissociáveis e complementares, devendo ser desenvolvidos de forma integrada ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para que de fato aconteça o letramento, e aconteça de uma forma significativa, é de suma importância que a criança esteja inserida em um ambiente que seja letrado, por assim dizer, em um espaço onde a leitura e a escrita façam parte das experiências do cotidiano como algo normal e rotineiro. O contato frequente com livros, histórias, revistas, placas, embalagens, calendários, listas, jogos, músicas e diferentes gêneros textuais desperta a curiosidade da

criança e lhe permite que ela compreenda, desde cedo, que a linguagem escrita possui uma função social. Com isso, mesmo antes de dominar completamente o sistema alfabético, a criança já é bastante inserida em situações de letramento, construindo conhecimentos que favorecerão o seu processo de alfabetização.

Logo nesse contexto, o papel do professor é fundamental e de extrema importância visto que ele será o responsável por planejar situações de aprendizagem que aproximem os estudantes

das práticas reais da leitura e escrita. Não se trata apenas de ensinar a reconhecer letras e palavras, mas sim de criar uma oportunidade para que a criança possa ler, interpretar, produzir textos e compreender realmente a finalidade de cada gênero textual que está presente em seu cotidiano. Quanto mais significativas forem essas experiências vividas pelos mesmos, maiores serão as possibilidades de um bom desenvolvimento no letramento.

Sendo assim, cabe a escola criar oportunidades em que os estudantes possam de fato participar de práticas reais da leitura e escrita, os incentivando a ler, aproximando-os dos demais gêneros textuais existentes e dos usos sociais da linguagem desde o início da escolarização.

Diante desse contexto, compreende-se que alfabetização e letramento são processos que se complementam de forma indispensável para a formação do leitor e do escritor competente. Enquanto a alfabetização possibilita a apropriação do sistema de escrita, o letramento amplia essa aprendizagem ao inserir a criança em práticas reais de leitura e escrita, favorecendo sua participação crítica e ativa na sociedade. Dessa forma, alfabetização e letramento constituem processos complementares e interdependentes, uma vez que a apropriação do sistema de escrita ganha sentido quando articulada às práticas sociais de leitura e escrita.

2.1.3 Conceito de ludicidade

A ludicidade constitui uma dimensão essencial do desenvolvimento humano, especialmente durante a infância. Embora ela seja frequentemente associada apenas ao brincar, seu conceito é mais amplo, pois envolve experiências de prazer, imaginação, criatividade, interação e construção de conhecimentos. No contexto escolar, a ludicidade caracteriza-se como uma importante estratégia pedagógica, capaz de tornar o processo de ensino e aprendizagem mais significativo, participativo e incentivador. Além disso, constitui um dos principais meios pelos quais a criança se expressa, investiga os limites do próprio corpo, simula papéis sociais, elabora conflitos emocionais e interpreta o mundo ao seu redor.

Apesar de não ser tratada como o eixo central da rotina escolar, a ludicidade continua muito presente no ensino fundamental. A BNCC orienta que jogos e brincadeiras sejam utilizados nas competências e habilidades, especialmente em componentes como Arte e Educação Física, para promover a sociabilidade, o respeito, a empatia e a construção de vínculos democráticos.

A ludicidade se manifesta por meio de diferentes formas, sendo as mais conhecidas o jogo, o brinquedo e a brincadeira. Embora frequentemente utilizados como sinônimos, esses conceitos possuem características próprias.

Jogo: Caracteriza-se por ser uma atividade estruturada por regras previamente estabelecidas e por objetivos definidos. Durante sua realização, a criança é desafiada a elaborar estratégias, resolver problemas, respeitar regras e buscar soluções para alcançar determinado objetivo.

Brinquedo: O brinquedo constitui o elemento físico, concreto ou imaginário que serve de suporte para a ação de brincar. Por meio dele, a criança explora diferentes estímulos sensoriais, desenvolve a coordenação motora, amplia a imaginação e estabelece relações com o ambiente ao seu redor.

Brincadeira: A brincadeira é o ato em si. É o processo dinâmico, livre e espontâneo na qual a imaginação predomina sobre as regras rígidas do mundo real. Durante sua realização, a criança é livre para sentir o prazer do momento, a fantasia e ter a total liberdade de criação.

Segundo Kishimoto (2011), o jogo, o brinquedo e a brincadeira constituem manifestações concretas da ludicidade no cotidiano infantil. Segundo a autora, "o jogo é uma atividade que possui um fim em si mesma, mas que pode assumir funções educativas quando inserido em contextos pedagógicos". Nesse sentido, o uso de atividades lúdicas contribui significativamente para a aprendizagem das crianças, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, social e emocional.

É importante destacar que a utilização da ludicidade no contexto escolar deve ocorrer de forma intencional e planejada. As atividades lúdicas não se resumem a momentos de recreação ou passatempo, mas constituem estratégias pedagógicas que, quando organizadas com objetivos de aprendizagem bem definidos, favorecem o desenvolvimento das capacidades cognitivas, sociais e emocionais das crianças.

O ato de brincar é considerado uma atividade fundamental da infância e atua como importante instrumento para a construção do conhecimento. Quando a criança participa de atividades lúdicas, observa-se maior envolvimento, interesse e motivação durante o processo de aprendizagem. Além disso, a ludicidade possibilita que conteúdos abstratos, como aqueles relacionados à aquisição da leitura e da escrita, sejam trabalhados de maneira mais significativa

e prazerosa. Dessa forma, o brincar contribui para aproximar as características próprias do desenvolvimento infantil dos objetivos pedagógicos presentes no processo de alfabetização.

As contribuições de Jean Piaget e Lev Vygotsky reforçam a importância da ludicidade para o desenvolvimento infantil. Ambos os autores reconhecem que o brincar desempenha um papel fundamental na construção do conhecimento, embora expliquem esse processo sob perspectivas diferentes. Para Piaget (1976), o jogo constitui uma importante forma de aprendizagem, pois permite que a criança explore o ambiente, experimente situações e organize seus conhecimentos por meio da interação com a realidade. Durante as brincadeiras, ela desenvolve o raciocínio, a criatividade, a autonomia e diferentes habilidades cognitivas, construindo progressivamente novas formas de compreender o mundo.

Por sua vez, Vygotsky (1991) atribui ao brincar um papel essencial no desenvolvimento da criança ao destacar que, durante as atividades lúdicas, ela é capaz de realizar ações que, sozinha, ainda não conseguiria executar em outras situações. Esse processo ocorre por meio da interação com outras pessoas e da mediação do professor, favorecendo a ampliação das capacidades cognitivas e sociais. Para o autor, o brincar cria oportunidades para que a criança avance em sua zona de desenvolvimento proximal, desenvolvendo habilidades importantes para a aprendizagem da leitura, da escrita e de outros conhecimentos escolares.

Diante dessas contribuições teóricas, compreende-se que a ludicidade constitui um importante recurso pedagógico para o processo de ensino e aprendizagem. Ao promover situações de interação, criatividade, imaginação e resolução de problemas, as atividades lúdicas favorecem o desenvolvimento integral da criança e tornam a aprendizagem mais significativa. Quando utilizada de forma planejada e intencional pelo professor, a ludicidade potencializa o processo de alfabetização, respeitando as características próprias da infância e contribuindo para uma participação mais ativa dos estudantes.

2.2 A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

A entrada da criança no 1º ano do Ensino Fundamental representa o início de uma nova etapa em sua vida e em seu percurso escolar. Embora muitas crianças já tenham contato com livros, histórias, placas, embalagens e diferentes manifestações da linguagem escrita durante a Educação Infantil, é nesse momento que o processo de alfabetização passa a ocorrer de forma mais sistemática. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que "Embora, desde que nasce e na Educação Infantil, a criança esteja cercada e participe de

diferentes práticas letradas, é nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que se espera que ela se alfabetize. Isso significa que a alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica" (BRASIL, 2018, p. 89). Porém, esse processo não significa apenas ensinar a criança a reconhecer letras, sílabas e palavras. Ensinar a ler e escrever envolve possibilitar que ela compreenda a função social da escrita e utilize esse conhecimento em diferentes situações do cotidiano, articulando alfabetização e letramento.

Nesse contexto, o 1º ano do Ensino Fundamental assume um papel decisivo no desenvolvimento da criança nas áreas das habilidades relacionadas à leitura e à escrita. É nesse período que a criança amplia sua compreensão sobre o sistema de escrita alfabética, fortalece a relação entre fonemas e grafemas, desenvolve a consciência fonológica e começa a compreender, de forma mais consistente, o funcionamento da língua escrita. Paralelamente, também participa de situações de leitura, produção textual, oralidade e interpretação, percebendo que escrever vai muito além da formação de palavras, constituindo uma importante forma de comunicação, expressão e interação com o mundo.

Entretanto, é importante reconhecer que nem todas as crianças chegam ao 1º ano do Ensino Fundamental com os mesmos conhecimentos sobre a leitura e a escrita. Cada estudante possui experiências, vivências e hipóteses diferentes acerca do sistema de escrita, construídas ainda antes do ingresso na escola. Conforme demonstram os estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999), a criança participa ativamente da construção desse conhecimento, elaborando hipóteses sobre o funcionamento da escrita que precisam ser respeitadas e compreendidas pelo professor. Dessa forma, torna-se indispensável que o trabalho pedagógico considere essas diferenças, de forma que ofereça intervenções que favoreçam o avanço da aprendizagem de maneira gradual e significativa.

Nesse cenário, o professor assume um papel fundamental como mediador do processo de ensino e aprendizagem. Mais do que ensinar letras, sílabas e palavras, cabe ao docente criar situações de aprendizagem que despertem a curiosidade, estimulem a participação dos estudantes e favoreçam a construção do conhecimento. Para isso, torna-se necessário planejar atividades que considerem as características da infância, respeitem os diferentes ritmos de aprendizagem e promovam experiências significativas de leitura e escrita, aproximando os alunos das práticas sociais da linguagem.

Além dos diferentes ritmos de aprendizagem, o professor também enfrenta desafios relacionados à diversidade presente em sala de aula, às distintas realidades familiares, às necessidades educacionais específicas e às diferentes formas pelas quais cada criança aprende. Diante desse contexto, torna-se cada vez mais necessário utilizar metodologias diversificadas

que despertem o interesse dos estudantes e favoreçam sua participação ativa durante o processo de alfabetização. As diferenças presentes no ambiente escolar exigem do docente sensibilidade, planejamento e constante reflexão sobre sua prática pedagógica, a fim de garantir que todos os alunos tenham oportunidades de desenvolver suas habilidades de leitura e escrita.

Outro aspecto que merece destaque refere-se à participação da família no processo de alfabetização. A aprendizagem da leitura e da escrita torna-se mais significativa quando escola e família atuam de forma conjunta, oferecendo à criança oportunidades de contato com a linguagem escrita também fora do ambiente escolar. No entanto, nem sempre o professor conta com esse acompanhamento no cotidiano dos estudantes, assumindo, em muitos casos, um papel ainda mais desafiador na promoção de experiências de leitura e escrita. Diante dessa realidade, cabe ao docente buscar estratégias pedagógicas que despertem o interesse dos alunos, valorizem suas potencialidades e favoreçam uma aprendizagem prazerosa, autônoma e significativa, respeitando o ritmo e as necessidades de cada criança.

Diante desse contexto, compreende-se que alfabetização e letramento, no 1º ano do Ensino Fundamental, constituem processos indissociáveis que devem ser desenvolvidos de forma integrada, respeitando as características da infância e as necessidades individuais de cada estudante. Para que essa aprendizagem aconteça de maneira significativa, faz-se necessário que o professor utilize estratégias pedagógicas capazes de despertar o interesse, incentivar a participação ativa dos alunos e favorecer a construção do conhecimento. Essa perspectiva está em consonância com a BNCC ao reconhecer que aprender a ler e escrever amplia as possibilidades de construção do conhecimento, favorece maior autonomia e fortalece a participação da criança na vida social (BRASIL, 2018). Nesse sentido, a ludicidade destaca-se como uma importante aliada do processo de alfabetização, contribuindo para que a aprendizagem da leitura e da escrita ocorra de forma mais dinâmica, prazerosa e significativa. Assim, torna-se evidente que a escolha de metodologias adequadas exerce influência direta sobre a qualidade do processo de alfabetização, favorecendo uma aprendizagem mais significativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

2.3 O USO DA LUDICIDADE E ESTRATÉGIAS

Conforme discutido nos tópicos anteriores, a ludicidade constitui uma importante estratégia para o processo de alfabetização, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Entretanto, para que as atividades lúdicas realmente contribuam para a aprendizagem, não basta apenas utilizar jogos e brincadeiras em sala de aula. É necessário que essas atividades sejam planejadas pelo professor, possuam objetivos pedagógicos bem

definidos e estejam relacionadas às habilidades que se pretende desenvolver durante o processo de alfabetização.

Nesse contexto, a atuação do professor como mediador, conforme proposto por Vygotsky (1991), é fundamental para que as atividades lúdicas realmente contribuam para a aprendizagem. É por meio da mediação do professor que jogos, brincadeiras e brinquedos deixam de ser apenas momentos de recreação e passam a se tornar instrumentos de aprendizagem. Durante a realização das atividades lúdicas, cabe ao professor observar as dificuldades apresentadas pelos estudantes, fazer intervenções quando necessário, propor novos desafios e estimular a participação de todos, favorecendo avanços no processo de aprendizagem. Quando planejadas de forma intencional, as atividades lúdicas favorecem o desenvolvimento da atenção, da memória, da criatividade, do raciocínio e da capacidade de resolver problemas, habilidades fundamentais para o processo de alfabetização.

Entre as estratégias lúdicas mais utilizadas no processo de alfabetização destacam-se os jogos educativos, as cantigas, as parlendas, a contação de histórias, as rodas de leitura, os jogos com letras e sílabas e outras atividades que favorecem o desenvolvimento da consciência fonológica e da aprendizagem da leitura e da escrita.

Jogos Educativos Dinâmicos: A utilização de jogos como bingo de letras, dominó de sílabas, jogos da memória, caça-palavras, quebra-cabeças e letras móveis favorece o desenvolvimento da consciência fonológica e auxilia a criança na compreensão das relações entre sons e letras. Durante essas atividades, os estudantes formulam hipóteses, testam possibilidades, identificam erros e constroem novos conhecimentos de maneira mais espontânea, tornando o processo de alfabetização mais significativo.

Musicalidade e Cantigas da Cultura Popular: As manifestações musicais, as parlendas, os acalantos e as cantigas de roda constituem ferramentas riquíssimas para a estimulação auditiva e rítmica dos alfabetizados. Como bem sinaliza Soares (2003), a imersão na textualidade oral prepara para o desenvolvimento da linguagem escrita. O ritmo musical auxilia na percepção da métrica das palavras, enquanto as rimas e aliterações presentes nas cantigas favorecem a percepção das semelhanças sonoras entre as palavras, contribuindo para o desenvolvimento da consciência fonológica e preparando a criança para a aprendizagem da leitura e da escrita. A repetição prazerosa das letras de música favorece a internalização da estrutura fonológica da língua de modo orgânico e espontâneo, associando o ato de aprender ao bem-estar e à memória afetiva.

Contação de Histórias e Rodas de Leitura: A literatura infantil desempenha uma função insubstituível na expansão do repertório discursivo e no letramento dos estudantes. A

audição de contos de fadas, fábulas e crônicas amplia o vocabulário, melhora a sintaxe oral e exercita a capacidade de fazer inferências e antecipações textuais. Ademais, ao manipular livros com diferentes formatos, ilustrações e tipografias, o aluno vivencia o que Ferreiro e Teberosky (1999) apontam como o contato com portadores de textos reais. A criança compreende que a escrita possui diferentes funções sociais: para documentar uma história, para emocionar alguém, para transmitir um aviso ou para organizar uma instrução, conferindo uma finalidade viva ao aprendizado.

Além dos benefícios relacionados ao desenvolvimento cognitivo, a ludicidade também contribui significativamente para o desenvolvimento das competências socioemocionais das crianças. Durante os jogos e as atividades em grupo, as crianças aprendem a negociar pontos de vista, respeitar regras, lidar com frustrações e cooperar umas com as outras para alcançar objetivos em comum. Conforme aponta Piaget (1976), essas interações sociais horizontais são o verdadeiro motor para a superação do egocentrismo infantil, pavimentando o caminho para o desenvolvimento moral, para o respeito mútuo e para a empatia.

Outro benefício importante da ludicidade está relacionado à redução dos níveis de ansiedade e de resistência em relação às atividades escolares. Muitas crianças, ao se depararem com atividades repetitivas e cobranças rígidas, desenvolvem bloqueios emocionais que travam a aprendizagem. O ambiente lúdico contribui para reduzir essas barreiras psicológicas, oferecendo um espaço seguro onde o estudante se sente acolhido e confiante para arriscar suas produções escritas, sabendo que suas tentativas serão validadas e valorizadas pelo mediador.

Por fim, cumpre destacar o papel da ludicidade como uma poderosa estratégia de diferenciação pedagógica e promoção da equidade inclusiva na sala de aula. Uma turma de alfabetização é marcadamente heterogênea, abrigando sujeitos com diferentes ritmos e diferentes formas de aprender. (visuais, auditivos, cinestésicos).

A flexibilidade inerente aos recursos lúdicos permite que o professor atenda simultaneamente a essa multiplicidade de perfis em uma mesma atividade. Enquanto um aluno silábico avança ao manipular as letras móveis de um jogo, um aluno alfabético pode ser desafiado a escrever as pistas do mesmo jogo. Dessa forma, o professor consegue adaptar uma mesma atividade às necessidades dos diferentes estudantes, promovendo uma aprendizagem mais inclusiva, participativa e significativa.

Além dos aspectos diretamente relacionados à aprendizagem da leitura e da escrita, a ludicidade contribui significativamente para o desenvolvimento integral da criança. Durante as atividades lúdicas, os alunos são constantemente estimulados a observar, comparar, analisar e resolver situações-problema, mobilizando diferentes capacidades cognitivas. Esse processo

favorece a construção do pensamento crítico, da criatividade e da autonomia, competências essenciais para a formação de indivíduos capazes de atuar de maneira ativa na sociedade.

Outro aspecto relevante refere-se à motivação para aprender. A aprendizagem torna-se mais significativa quando o aluno demonstra interesse pelas atividades desenvolvidas em sala de aula. Nesse sentido, a ludicidade contribui para despertar a curiosidade e o envolvimento das crianças, tornando o ambiente escolar mais atrativo e acolhedor. Ao associar o aprendizado a experiências prazerosas, o professor favorece uma relação positiva entre o estudante e o conhecimento, fortalecendo sua participação no processo educativo.

A utilização de estratégias lúdicas também fortalece os vínculos afetivos estabelecidos no ambiente escolar. A interação promovida por jogos, brincadeiras e atividades coletivas contribui para a construção de relações de confiança entre professores e alunos, favorecendo o desenvolvimento emocional das crianças. Quando se sentem acolhidos e valorizados, os estudantes tendem a participar mais ativamente das atividades propostas, demonstrando maior segurança para expressar suas ideias e enfrentar desafios.

Além disso, as práticas lúdicas favorecem o desenvolvimento da linguagem oral, aspecto fundamental para o processo de alfabetização. Durante as brincadeiras, as crianças comunicam ideias, negociam regras, compartilham experiências e ampliam seu repertório linguístico. Essas interações fortalecem habilidades relacionadas à oralidade e à comunicação, contribuindo diretamente para a compreensão e produção da linguagem escrita.

Outro benefício importante está relacionado à interdisciplinaridade proporcionada pelas atividades lúdicas. Um mesmo recurso pedagógico pode integrar conteúdos de diferentes áreas do conhecimento, possibilitando uma aprendizagem mais contextualizada e significativa. Dessa forma, a ludicidade aproxima os conteúdos escolares da realidade vivenciada pelos estudantes, favorecendo a construção de conhecimentos de maneira integrada e participativa. Essa integração favorece uma aprendizagem mais próxima da realidade da criança, tornando os conteúdos escolares mais significativos.

Diante dessas contribuições, percebe-se que a ludicidade constitui uma estratégia pedagógica capaz de fortalecer o processo de alfabetização, favorecendo não apenas a aprendizagem da leitura e da escrita, mas também o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e linguístico da criança. Quando utilizada de forma planejada e intencional, respeitando as características da infância e os objetivos de aprendizagem, a ludicidade transforma a sala de aula em um ambiente mais participativo, acolhedor e significativo, contribuindo para uma alfabetização mais efetiva e prazerosa.

2.4 DESAFIOS PARA A UTILIZAÇÃO DA LUDICIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Embora a ludicidade seja amplamente reconhecida como uma importante estratégia pedagógica para o desenvolvimento infantil e para o processo de alfabetização, sua efetiva inserção no cotidiano escolar ainda enfrenta diversos desafios. Apesar dos avanços teóricos e das contribuições de pesquisadores que defendem a importância do brincar no processo de aprendizagem, a realidade de muitas instituições de ensino demonstra que a utilização de práticas lúdicas nem sempre ocorre de forma satisfatória. Questões relacionadas à infraestrutura escolar, à disponibilidade de recursos pedagógicos, à formação dos professores e às concepções tradicionais de ensino constituem obstáculos que podem limitar a implementação de atividades lúdicas no ambiente educacional.

A alfabetização é um processo complexo que exige do professor a utilização de diferentes metodologias capazes de atender às necessidades dos alunos. Nesse contexto, a ludicidade surge como uma alternativa que favorece a participação ativa da criança, tornando a aprendizagem mais significativa e prazerosa. Entretanto, para que as atividades lúdicas alcancem seus objetivos pedagógicos, é necessário que existam condições adequadas para sua realização. Quando essas condições não estão presentes, o trabalho do educador torna-se mais difícil e os benefícios proporcionados pelo lúdico podem ser reduzidos.

Um dos principais desafios encontrados nas escolas refere-se à falta de recursos pedagógicos adequados. Jogos educativos, brinquedos pedagógicos, livros infantis, materiais concretos e recursos didáticos diversos são importantes instrumentos para o desenvolvimento de práticas lúdicas. No entanto, muitas instituições de ensino, especialmente as escolas públicas, enfrentam dificuldades relacionadas à escassez desses materiais. Em diversas situações, os professores precisam confeccionar seus próprios recursos utilizando materiais recicláveis ou adquirindo materiais com recursos financeiros próprios.

Segundo Kishimoto (2011), os materiais lúdicos possuem papel fundamental na mediação da aprendizagem, pois favorecem a construção do conhecimento por meio da experimentação, da descoberta e da interação. Quando a escola não dispõe desses recursos, as possibilidades de trabalho tornam-se mais limitadas, exigindo dos educadores criatividade e esforço adicionais para desenvolver atividades atrativas e significativas para os alunos.

Além da falta de materiais pedagógicos, a infraestrutura escolar também representa um importante desafio para a utilização da ludicidade. Muitas escolas brasileiras não possuem espaços adequados para a realização de atividades que envolvam movimento, interação e exploração. Salas de aula pequenas, ausência de brinquedotecas, bibliotecas pouco estruturadas,

pátios inadequados e falta de ambientes destinados ao desenvolvimento de atividades diferenciadas são situações frequentemente encontradas na realidade educacional.

A ludicidade pressupõe a participação ativa da criança e, muitas vezes, requer espaços que favoreçam a circulação, a experimentação e o trabalho coletivo. Quando esses ambientes não existem ou apresentam limitações, o professor precisa adaptar suas propostas pedagógicas às condições disponíveis. Embora seja possível desenvolver atividades lúdicas em diferentes contextos, a ausência de espaços adequados pode comprometer a qualidade das experiências proporcionadas aos estudantes.

Outro aspecto que merece destaque é a formação dos professores para o trabalho com a ludicidade. A atuação docente exerce papel fundamental na efetivação das práticas pedagógicas, uma vez que o professor é responsável pelo planejamento, pela mediação e pela avaliação das atividades desenvolvidas em sala de aula. Entretanto, nem sempre os cursos de formação inicial oferecem uma preparação suficiente para que os futuros educadores compreendam plenamente as potencialidades do lúdico no processo de ensino e aprendizagem.

Em muitos casos, os professores concluem sua formação acadêmica com conhecimentos teóricos sobre a importância do brincar, mas com poucas oportunidades de vivenciar experiências práticas relacionadas à utilização da ludicidade como estratégia pedagógica. Essa situação pode gerar insegurança profissional e dificuldades na elaboração de propostas que integrem o brincar aos objetivos educacionais.

De acordo com Libâneo (2013), a formação docente deve promover a articulação entre teoria e prática, possibilitando ao professor desenvolver competências que favoreçam uma atuação pedagógica crítica e reflexiva. Dessa forma, torna-se essencial que os educadores tenham acesso a programas de formação continuada que ampliem seus conhecimentos e ofereçam subsídios para a implementação de metodologias inovadoras.

A formação continuada é especialmente importante diante das constantes transformações que ocorrem no cenário educacional. Novas pesquisas, novas tecnologias e novas demandas sociais exigem que o professor esteja em permanente processo de atualização. No que se refere à ludicidade, a participação em cursos, oficinas, palestras e grupos de estudo pode contribuir significativamente para o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas e para a ampliação das possibilidades de ensino.

Outro desafio relevante está relacionado às concepções tradicionais de ensino que ainda permanecem presentes em algumas instituições escolares. Durante muitos anos, a educação esteve fundamentada em metodologias centradas na transmissão de conteúdos, na repetição de exercícios e na memorização de informações. Nessa perspectiva, o professor era considerado o

principal detentor do conhecimento, enquanto os alunos assumiam uma posição predominantemente passiva no processo educativo.

Mesmo com os avanços das teorias educacionais contemporâneas, ainda existem profissionais e gestores que associam o brincar exclusivamente ao entretenimento, desconsiderando seu potencial pedagógico. Em algumas situações, as atividades lúdicas são vistas como momentos secundários dentro da rotina escolar, sendo utilizadas apenas como forma de recreação ou recompensa. Essa compreensão limitada dificulta a valorização da ludicidade como estratégia de aprendizagem e pode reduzir as oportunidades de desenvolvimento oferecidas às crianças.

Segundo Vygotsky (1991), o brincar desempenha papel fundamental no desenvolvimento infantil, pois cria condições para que a criança avance em suas capacidades cognitivas, sociais e emocionais. Ao participar de brincadeiras e jogos, os alunos desenvolvem habilidades relacionadas à linguagem, à atenção, à memória, à imaginação e ao pensamento abstrato. Dessa forma, a ludicidade deve ser compreendida como parte integrante do processo educativo e não como uma atividade desvinculada dos objetivos de aprendizagem.

Outro fator que dificulta a utilização da ludicidade diz respeito ao elevado número de alunos presentes em muitas salas de aula. As turmas numerosas representam um desafio para o professor, especialmente quando as atividades exigem acompanhamento individualizado e intervenções constantes. O desenvolvimento de jogos pedagógicos, brincadeiras dirigidas e atividades em grupo requer observação, organização e mediação permanentes, aspectos que podem se tornar mais complexos quando o educador precisa atender simultaneamente um grande número de crianças.

Além disso, as salas de aula são compostas por alunos que apresentam diferentes ritmos e formas de aprendizagem. Cada criança possui experiências, interesses, habilidades e necessidades específicas que precisam ser consideradas durante o planejamento das atividades. Nesse sentido, o professor deve buscar estratégias que favoreçam a participação de todos os estudantes, respeitando suas particularidades e promovendo um ambiente inclusivo.

A diversidade presente no contexto escolar exige sensibilidade e planejamento por parte dos educadores. Crianças com dificuldades de aprendizagem, necessidades educacionais específicas ou diferentes níveis de desenvolvimento demandam adaptações que possibilitem sua participação efetiva nas atividades propostas. Embora a ludicidade seja uma ferramenta capaz de favorecer a inclusão, sua utilização requer organização e preparo para atender adequadamente às características de cada grupo.

Outro aspecto que influencia a utilização das práticas lúdicas está relacionado às exigências e cobranças presentes no sistema educacional. Em muitos contextos, professores e escolas são pressionados a alcançar resultados rápidos nos processos de alfabetização, especialmente em avaliações externas e indicadores de desempenho. Essa realidade pode levar alguns profissionais a priorizar metodologias tradicionais, consideradas mais objetivas e imediatas, em detrimento de estratégias que valorizem a participação ativa da criança.

Entretanto, diversos estudos demonstram que a aprendizagem significativa ocorre quando o aluno participa efetivamente da construção do conhecimento. O desenvolvimento da leitura e da escrita não depende apenas da repetição de exercícios, mas também das experiências vivenciadas pelos estudantes em situações contextualizadas e significativas. Nesse sentido, a ludicidade contribui para tornar a aprendizagem mais atrativa e favorece o desenvolvimento de competências que ultrapassam a simples aquisição do código escrito.

Outro desafio observado na prática escolar refere-se ao tempo disponível para o planejamento das atividades. O trabalho docente envolve diversas responsabilidades que vão além da atuação em sala de aula. Elaboração de planos de ensino, correção de atividades, preenchimento de documentos, participação em reuniões e atendimento às demandas administrativas fazem parte da rotina dos professores. Em consequência disso, muitos educadores encontram dificuldades para planejar e confeccionar materiais lúdicos que poderiam enriquecer suas práticas pedagógicas.

Apesar das dificuldades encontradas, é importante destacar que a superação desses desafios depende do envolvimento de diferentes setores da sociedade. Investimentos em educação, melhoria das condições de trabalho docente, ampliação dos recursos pedagógicos e fortalecimento das políticas de formação continuada são medidas fundamentais para promover uma educação de qualidade. Da mesma forma, a valorização do professor e o reconhecimento da importância do brincar para o desenvolvimento infantil constituem aspectos essenciais para a consolidação de práticas pedagógicas mais significativas.

Nesse contexto, torna-se necessário que gestores, professores, famílias e órgãos governamentais atuem de maneira conjunta na construção de ambientes educativos que favoreçam a aprendizagem. A criação de espaços adequados, a disponibilização de materiais pedagógicos e o incentivo à formação profissional representam ações capazes de fortalecer o uso da ludicidade no processo de alfabetização.

Portanto, embora a ludicidade apresente inúmeras contribuições para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da formação integral da criança, sua efetivação no ambiente escolar ainda enfrenta diversos desafios. Questões relacionadas aos recursos pedagógicos, à infraestrutura

das escolas, à formação docente, às concepções de ensino e às condições de trabalho dos educadores demonstram que a utilização do lúdico requer mais do que boa vontade por parte dos professores. É necessário que existam condições adequadas para que as práticas lúdicas possam ser desenvolvidas de forma planejada, intencional e significativa. Somente por meio da superação desses obstáculos será possível garantir que a ludicidade ocupe o espaço que lhe é devido na educação, contribuindo para uma alfabetização mais humana, inclusiva e eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a importância da ludicidade no processo de alfabetização, compreendendo suas contribuições para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da aprendizagem das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao longo do estudo, buscou-se compreender como a utilização de atividades lúdicas pode favorecer uma aprendizagem mais significativa, respeitando as características da infância e contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Por meio da pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores como Magda Soares, Emilia Ferreiro, Ana Teberosky, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Tizuko Morchida Kishimoto, Angela Kleiman e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), foi possível compreender que a alfabetização vai muito além da simples aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Trata-se de um processo complexo, que envolve aspectos cognitivos, sociais, culturais e emocionais, exigindo práticas pedagógicas que favoreçam a participação ativa da criança na construção do conhecimento.

Nesse contexto, verificou-se que a ludicidade constitui uma importante estratégia pedagógica para o processo de alfabetização. Jogos, brincadeiras, cantigas, parlendas, contação de histórias, rodas de leitura e outras atividades lúdicas favorecem o desenvolvimento da consciência fonológica, da linguagem oral, da criatividade, da autonomia e da interação social, tornando o aprendizado da leitura e da escrita mais significativo, prazeroso e contextualizado. Dessa forma, o brincar deixa de ser compreendido apenas como um momento de recreação e passa a assumir um papel fundamental na aprendizagem quando utilizado de maneira planejada e intencional pelo professor.

Entretanto, a pesquisa também evidenciou que a utilização da ludicidade ainda enfrenta desafios no contexto escolar. A escassez de recursos pedagógicos, a inadequação de alguns espaços físicos, a necessidade de maior investimento na formação inicial e continuada dos professores, o elevado número de alunos em sala de aula e a permanência de concepções tradicionais de ensino são fatores que podem dificultar a implementação de práticas lúdicas no processo de alfabetização. Esses aspectos demonstram que a efetivação da ludicidade depende não apenas do comprometimento do professor, mas também de investimentos e políticas educacionais que garantam melhores condições de trabalho e de ensino.

Diante das discussões realizadas ao longo deste estudo, considera-se que os objetivos propostos pela pesquisa foram alcançados, uma vez que foi possível compreender a relevância da ludicidade como estratégia pedagógica no processo de alfabetização. A análise da literatura

permitiu identificar que o brincar, quando integrado ao planejamento pedagógico e articulado aos objetivos de aprendizagem, favorece não apenas a aquisição da leitura e da escrita, mas também o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e cultural das crianças.

Assim, compreende-se que a valorização da ludicidade no ambiente escolar não representa apenas uma alternativa metodológica, mas uma necessidade para a construção de práticas pedagógicas mais significativas e compatíveis com as necessidades da infância. Cabe ao professor assumir o papel de mediador desse processo, planejando situações de aprendizagem que despertem o interesse dos estudantes, respeitem seus diferentes ritmos de aprendizagem e possibilitem a construção do conhecimento de forma ativa, crítica e participativa.

Por fim, espera-se que este trabalho possa contribuir para ampliar as reflexões sobre a importância da ludicidade no processo de alfabetização, servindo como subsídio para estudantes, professores e pesquisadores interessados na temática. Espera-se, ainda, que novas pesquisas sejam desenvolvidas, especialmente estudos voltados para a aplicação prática de metodologias lúdicas em diferentes contextos educacionais, fortalecendo cada vez mais a construção de uma alfabetização significativa, inclusiva, humanizada e comprometida com o desenvolvimento integral da criança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KLEIMAN, Angela B. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, 2004

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.